

GAZETA DO PARANÁ
Um grande jornal todos os dias.

Oficina de Reportagem

Outra Pauta

Segunda-feira, 25/08/2008 - Paraná
Ed. 19 / Ano 1 / Turma 2

outrapauta.wordpress.com.br

OLÉ! ESQUEMA TÁTICO

Mariana Lioto (Jornalismo - UNIVEL)

Pergunte para um adolescente qual é a disciplina preferida dele na escola. Nove entre dez responderão: Educação Física. Isso ocorre talvez porque o momento da Educação Física é quando os alunos podem gastar um tanto da energia que têm de sobra, matar a vontade de mexer, correr, pular, suar, antes de voltarem para a sala de aula completamente alvoroçados e deixar a professora de Língua Portuguesa louca.

Quando bate o sinal de início da aguardada aula, os cadernos com os exercícios não terminados ficam sobre a mesa, as canetas nem vão para o estojo, as mochilas ficam pelo chão e a sala quadrada deserta. Os alunos saem com pressa para a quadra de esportes, separam os times rapidamente e logo chega a professora com ela: oh esférica, oh pelota, oh bola nossa, alegria de cada aula suada e corrida. Era aquela, de uns 69 centímetros de circunferência, lindona, 400 gramas toda cheia, gomos costurados à mão que protegem a câmara de ar, preciosa, não é qualquer bola, é a bola de futebol. Era um momento aguardado na semana, onde os alunos nos dribles, ataques e voleios faziam jus à fama do brasileiro de aficionado por futebol.

Mas naquele dia isso não aconteceu. A professora pediu que os alunos esperassem no saguão. Isso não era bom sinal. A piaçada já estava apreensiva. Tinha chovido forte na noite anterior e o dia estava meio nublado, isso podia significar poças na quadra. Logo ela voltou. Ué? Cadê a preciosa? Nada. Na mão ela escondia uma bolinha: não de couro, mas de plástico. Uma pálida bolinha branca de quatro centímetros. A desanimação foi geral. Pô! Ping-Pong de novo "fessora"?

Que
podre!
Mas o cho-
ro não adiantou.

Foram formar fila ao redor da mesa. Bolinha para um lado e para o outro, para um lado e para o outro. Emoção zero. Mas logo, aquele aluno danado, boné virado espinhas na cara e calça quase caindo, dá uma olhada para a professora que bocejava no canto e resolve inovar: pega uma das bolinhas pálidas e mostra sua habilidade, bate cinco ou seis embaxadas e toca pro colega do final da fila. Ele mata no peito, tenta dominar a bolinha, mas é prejudicado pelo fato de ela pular insistentemente. Perde o controle da bola, e ela vai pulandinho parando em baixo de uma cadeira que estava por ali. GOL! Grita uma das meninas. Vão então duas cadeiras uma para cada lado do pátio e a pequena bolinha se transforma na preciosa. Os meninos correm alvoroçados, mostrando uma habilidade que parece inata. Alguns lances até mereciam a narração dos que estavam de fora, outros valiam mais para o riso de todos. A simples cadeira transformada em ilustre trave viu outros belos gols naquela partida, e até quando a bolinha não entrava ouvia-se o Uuuuuuh! da torcida. Qual time ganhou? Isso eu nem sei, e também pouco importa: ganhou a alegria de praticar a paixão nacional. ☐

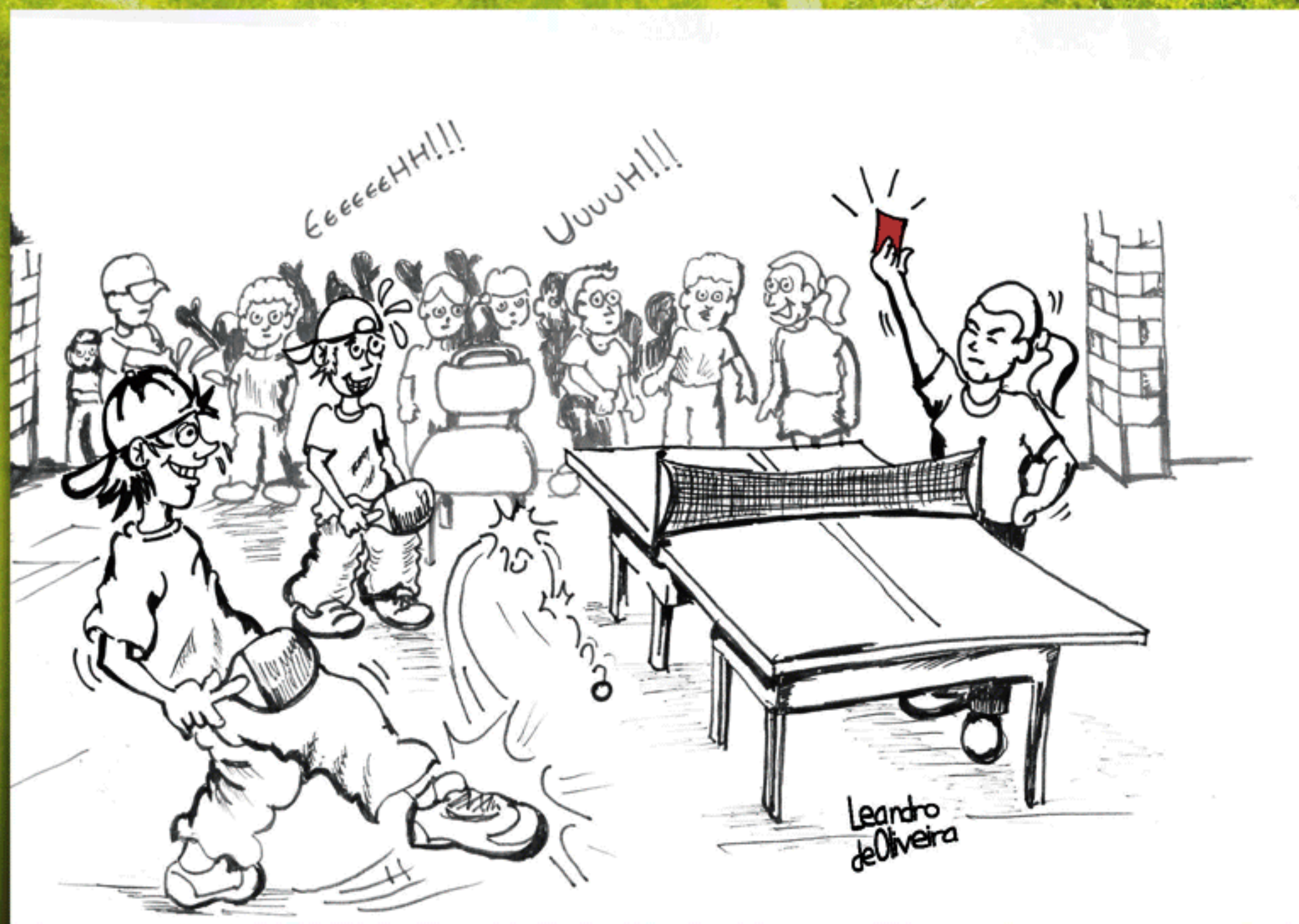
EDITORIAL BEM VINDOS!

Começamos hoje uma nova etapa em nossa oficina de jornalismo narrativo. Os textos que apresentamos nas páginas centrais do caderno e na parte superior da página 4 são os que foram aprovados no teste de seleção para a nova turma do Outra Pauta. Ao todo temos 9 futuros jornalistas que vão participar de nossos encontros e discussões. O resultado dos exercícios propostos poderá ser acompanhado pelos nossos leitores que já perceberam que este tipo de atividade garante um vínculo do caderno com a realidade local nas segundas-feiras (dia da semana que pelos vícios da profissão dificilmente consegue transcender a mera reprodução de material das agências de notícia).

A dívida para com os integrantes da primeira turma que agora passam adiante a oportunidade disponibilizada pela Gazeta do Paraná é impossível de dimensionar. Com todas as dificuldades e obstáculos inerentes à vida universitária, cada um dos integrantes da primeira turma contribuiu com dedicação e empenho para o projeto. É possível perceber isso em cada palavra que escreveram.

Todos os colegas de redação e de docência que com seus comentários ajudaram a construir uma experiência mais viva da oficina também são co-autores de tudo o que aconteceu até aqui. O espírito que prefere antes apostar na potência do que se tem sob a mira do que nas eventuais imperfeições das flechas. Como na imagem do arqueiro zen, que ao retesar seu arco, apaga a distinção entre o alvo, a flecha e seu olho porque tudo se amalgama na identidade de um processo só – singular – uma duração, uma totalidade à qual só se tem acesso ao vivê-la diretamente.

O caderno continua sendo aberto para a contribuição dos que já participaram da oficina – é o caso do instantâneo captado pela sensibilidade jornalística de Mariana Lioto que apresentamos acima. Algumas mudanças e novidades no horizonte, como o nosso chargista Leandro de Oliveira, que passa a contribuir semanalmente a partir dessa edição. A



tradução no traço do que foi apreendido pela palavra – outra perspectiva de um mesmo fenômeno, como na lógica do encantamento das crianças que subvertem a palavra de ordem da professora para converter o ping-pong em futebol – uma alegoria do que se busca como valor fundamental de qualquer formação: a autonomia do aluno. Desejamos boas vindas aos novos integrantes do Outra Pauta e esperamos que todos possam redescobrir as possibilidades do jornalismo – algo que se expressa quando esse ofício é exercido

segundo um imperativo dado pelo desejo e pela paixão. A maior retribuição que um professor pode esperar de seus alunos: a manifestação de que os afetos pela profissão foram recolocados numa dimensão construtiva de prazer por aquilo que se faz – condição de autenticidade que não é restrita aos que trabalham com jornalismo apenas, mas que se estende a todos que vêm em seu próprio trabalho a expressão da essência que os define. ☐

DIVAGAÇÃO CLANDESTINA! SILENCIAR É ESCAPAR

Por Mirielly Ferraz (Jornalismo - UNIPAR)

A definição mais próxima e plausível do que se entende por silêncio, seria algo mais voltado ao saber científico. Aquela conhecida como o senhor da verdade, já que seus resultados provêm de uma série de análises e estudos. Ciência exata que não aceita divagações, fantasias, viagens. Nada de mover-se, nada de ir à luta ou às estrelas e nem tampouco viagens à Terabítia. O saber científico definiria o silêncio como a ausência de som, nada tão complexo. Portanto, diante dessa pseudodefinição, excluíamos desde os mais estrondosos barulhos aos mínimos, e quase inaudíveis, murmúrios, ruídos. Nesse sentido poderia se pensar no vácuo, a ausência do "tudo" chegaria ao "nada", e assim, sucessivamente, à ausência do som, ou melhor, ao silêncio.

Depois de tanto tentar buscar uma definição, talvez até em vão, sinto a necessidade de silenciar-me. O silêncio explicando-se por ele mesmo...

Mesmo sendo único, pode-se encontrá-lo nas mais diversas e inusitadas situações da vida: no silêncio de um pecador, no silêncio de um jurado de morte, em um advogado, réu, juiz, em políticos, nos quais encontramos o não-dito. O silêncio permeia nosso dia-a-dia. Talvez usado como o intuito de apenas viver, já que pronunciar-se, em determinadas situações, pode trazer embaraços, complicações, dores. Não podemos esquecer jamais delas, das dores. O ser humano é feito de sentimento e, apesar de saber que essa não é nenhuma novidade, é imprescindível lembrar ao homem que a dor existe.

O silêncio, sem sombra de dúvidas, é essencial. Precisamos dessa forma de evasão, já que as palavras muitas vezes nos tornam escravos.

PELA FRESTA DO TEMPO UM MINUTO DE SILENCIO

Por Rony Santos (Jornalismo - UNIPAR)

O artista se move em silêncio e consegue, depois, quebrá-lo. As risadas são muitas, os aplausos grandiosos.

O silêncio pelo silêncio não seria importante, o que importa é a sua ruína. Porque faríamos um minuto de silêncio se não fossemos quebrá-los após 60 longos segundos? Após um momento constrangedor vem a pausa. E o sábio, ou melhor, amigo do constrangido, destrói esta vaga vazia de palavras e sons, com qualquer bobagem que nada tenha a ver com o assunto anterior.

As pessoas fazem silêncio pelos mais variados motivos: dor, respeito, amor, luto, medo, tristeza, falta de atitudes, descaço (este vem acompanhado de cara feia) e vários outros. O incrível é que pelos mesmos motivos são feitos "barulhos" tremendos.

No silêncio da alma amargurada, do esconderijo de amantes ou mesmo de meu quarto enquanto durmo, (isso mesmo, eu não ronco), o que mais se busca é também uma forma de expressão, creio eu, é paz. Não, não falo da paz mundial, e sim de paz de espírito. Não a religiosa, mas aquela que cada um de nós busca para descarregar os problemas da vida. Nem que seja um minuto do dia.

O silêncio que muitas vezes mostra a tristeza, dor, perda deve ser usado exatamente no oposto, afinal já dizia o velho ditado: "Quem fala, fala, fala, às vezes não quer dizer nada".

Escrevo estas linhas porque me perdi no tempo, na falta de silêncio, nesse minuto gigantesco de vida onde sucumbi com uma pergunta fácil, mas ao mesmo tempo assustadora. O que é o silêncio?

Para um minuto e pense, não precisa responder. Um minuto de silêncio e você pode voltar para a coisa barulhenta, que chamamos vida.

O SOM DO MUNDO O SILENCIO QUE NÃO CALA

Por Andressa M. B. Roque (Jornalismo - UNIVEL)

O silêncio também é uma maneira de se expressar. Não existe silêncio absoluto que não se ouve, que não se fala. A turbulência do mundo não permite um silêncio que não se ouça. Mesmo o que se julga como manifestação de um silêncio total, ainda assim não está isento de uma paisagem de ruídos, pois nada está só, tudo se move e cria sons que não se calam.

A vida é a impossibilidade do silêncio. O instinto humano de se mover, ouvir e desejar fazer coisas. O silêncio é ativo e se projeta em tudo que está correndo ao seu redor. Ele é o suporte para o som do mundo, uma constante a "trabalhar". Tudo tem seu som, os passos, os nossos movimentos, a natureza, nada é tão silencioso que não fale, é tão mudo que não diga, tudo é uma maneira de se expressar.

Talvez o silêncio seja a melhor maneira de dizer algo. Talvez seja o que se ouve mais alto, pois ele dá abertura a várias opiniões de ser interpretado como se queira, concordando ou discordando. Um sinal de respeito ou de união, bem como o de dizer não, de revolta, o silêncio talvez diga muito mais que palavras.

Porém, não existiria um silêncio mudo, sem expressão, sem som, absoluto? Há um momento em que tudo se acaba, em que não se pensa, não se age, não se fala, não se ouve - o verdadeiro e único silêncio: a morte.

RUMO AO ABSTRATO O SILENCIO DE UM SILÊNCIO DE UM SILÊNCIO....

Por Juliana Tokarski (Jornalismo - UNIPAR)

Ao deparar-me com a proposição de um trecho do livro "Comunicação do Eu - Ética e Solidão" que diz respeito ao silêncio, fiquei imaginando o que seria o silêncio como fenômeno. Algo ao mesmo tempo tão simples, mas tão abstrato. Porém necessário.

Seria o calar de uma gritaria? Ou talvez, seria o silêncio algo que falta nas guerras do mundo todo? Surgem tantas perguntas. O que falta nas guerras do Oriente, ou até mesmo, e principalmente, nas guerras do nosso interior, do nosso íntimo. E aí surge outra pergunta: O silêncio é algo exterior a nós?

Começo a imaginar o silêncio por outro viés. Como seria nossa vida se existisse apenas o silêncio? Não importa. Nossa vida não é só silêncio.

Falar sobre o que ele é seria quebrar o que o silêncio realmente representa. Mas, escrever sobre ele seria transgredir essa regra?

Escrevi, escrevi, e nada respondi a respeito desse tal silêncio. Vaguei pelo silêncio de minha mente e descobri que a partir dela quebramos o silêncio. Devemos restabelecer uma ordem para que em algum momento ele retorne, pois se torna imprescindível em nós.

São perguntas e mais perguntas que me deixaram sem resposta... e em silêncio.



Outra Pauta Turma 2

DIRETOR-PRESIDENTE
Marcos Formighieri

DIRETOR ADMINISTRATIVO
Guilherme Formighieri

EDITOR OUTRA PAUTA
Prof. Dr. Silvio Demétrio

REVISÃO
Prof. Dr. Silvio Demétrio

PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES
Douglas Meregazzi

EQUIPE
Andressa M. B. Roque
Evandro Paulo
Gabriela Couto
Juliana Tokarski
Leandro C. Navarro
Luciano Neves
Mirielly Ferraz
Roberson Lima
Rony Santos

CONTATO
Rua Fortunato Beber, 868
Jardim Pacaembu
Cascavel - Paraná - Brasil
CEP 85808-340
PABX: +55 45 3218-2500

outrapauta.wordpress.com
outrapauta@gazetadoparana.com.br

SOLICITAÇÃO O QUE VOCÊ QUISER

Por Evandro Paulo (Jornalismo - UNIVEL)

Talvez fosse ironia tentar encontrar uma resposta coerente para tal pergunta, afinal um ditado popular muito antigo dizia que "o silêncio é sempre a melhor resposta". O que leva a gente pensar que a resposta é exatamente a falta de uma resposta. Daí este ditado desmentir a idéia de que o que é popular necessariamente venha a ser também um lugar comum.

Vamos então encarar a questão de frente, sem subterfúgios: o que é o silêncio? O que ele pode ser senão a presença do nada? Podemos dizer que o silêncio pode ser comparado a um homem de terno, com tal vestimenta ele poderia representar várias coisas, menos qualquer primeira impressão que tenhamos.

Dentre os muitos professores que já tive a honra de conhecer, nenhum me chamou tanto a atenção como um de filosofia chamado Ivanor. Os outros não sabiam como lidar com turmas indisciplinadas, eram impulsivos e saiam do controle facilmente, mas esse de filosofia tinha um método infalível: olhava. Ele conseguia criar um silêncio que soterrava a todos apenas com a maneira de olhar. Isso mesmo. Ele apenas olhava, em silêncio, e todos se sentiam completamente intimidados com aquele gesto o qual eram incapazes de superar e que parecia implacavelmente uma falta de disciplina na sala de aula.

A partir de um exemplo assim é possível dizer que o silêncio é uma manifestação clara de que queremos uma resposta. O silêncio, quando acontece no olhar, é uma solicitação.

EXTREMOS OXÍMOROS SILENCIO ENSURDECEDOR

Por Roberson Lima (Jornalismo - UNIVEL)

Ei???? Quer conhecer o silêncio????? GRITE!!!! Grite o máximo que você puder, sem pausa, sem respiração, quando você chegar ao final ele vai estar aí, quase que palpável.

Quer se afastar do silêncio então???? Vamos lá, cale-se por completo, feche os olhos pode ajudar..... Ouviu? Barulhento demais, não concorda? Talvez o silêncio seja agudo demais. Dói no íntimo. Os tímpanos estufados pelo vácuo pela falta de qualquer som.

Às vezes chega a ser ensurdecedor. Necessitamos do vácuo para viver, para sobreviver. Na própria origem do homem já está presente o domínio do silêncio. A ciência secreta daquilo que envolve a espera do predador que calibra seu bote enquanto envolve a presa num transe opaco de inconsciência. O silêncio é o segredo dos predadores.

É por isso que o silêncio também nos persegue. Somos suas presas em potencial durante das 24 horas do dia aos 12 meses que compõem os anos de nossas vidas. Ainda que o sono nos atinja nossa respiração continuará traduzindo a opacidade do silêncio no som abafado de nossa respiração - imagem fundamental da impossibilidade em se atingir o silêncio absoluto porque algo em nós é involuntário. Uma certa inconsciência daquilo que realmente somos. Todos os nossos possíveis eus que desconhecemos e que permanecem calados. Uma multidão em silêncio que aguarda uma chance de se expressar em nosso grito.

INEXORÁVEL O QUE É SILENCIO?

Por Leandro C. Navarro (Jornalismo - UNIVEL)

Poderíamos começar afirmando que silêncio é a ausência de som. Que ótimo. Mas, para este texto não acabar no primeiro ponto, podemos promovê-lo dizendo que o silêncio é tão importante quanto o barulho. O silêncio é o fôlego da música, a pausa que os ouvidos contemplam e a mente saboreia como um manjar dos deuses.

Só podemos afirmar com certeza que para identificar o silêncio é preciso conhecer o barulho. Na confusão mental de um perigoso serial killer, muitas vezes se fazem presente. Perturbações, vítimas de seus crimes, poderia haver silêncio ali?

Uma pergunta tão complexa como há tempos me fizeram nas aulas de filosofia: o que é o tempo?

As duas perguntas nos remetem a coisas imaginárias, abstratas a corpo físico. Coisas de nossa mente. O tempo é amigo do silêncio. No caminhar solitário vão nos levando passivamente ao nosso futuro. Definitivo e inexorável silêncio do que ainda está por vir.

FERMATA AQUELA ENFERMEIRA DA PAREDE DO HOSPITAL

Por Gabriela Couto (Jornalismo - UNIVEL)

Ssshhhh.....Silêncio, você não está vendo? - minha mãe apontando para o retrato - Aqui não pode fazer barulho! E daí que eu era apenas uma criança de cinco anos esperando o fim do expediente do meu pai.

Era pequena, tudo bem que não sabia direito das coisas, mas eu odiava o cheiro daquele hospital. Principalmente aquele silêncio sepulcral. Ele era tamanho que parecia que as pessoas que entravam vivas ali, saiam mortas pelo silêncio.

Aquele silêncio parecia que era a cruz dos hóspedes daquele lugar. E esta cruz crescia de um jeito que virava morte. Sim... o silêncio mata as pessoas aos poucos. E no hospital a proporção era tamanha que o pouco de vida que existia lá se tornava ecos do além, vindos dos corredores.

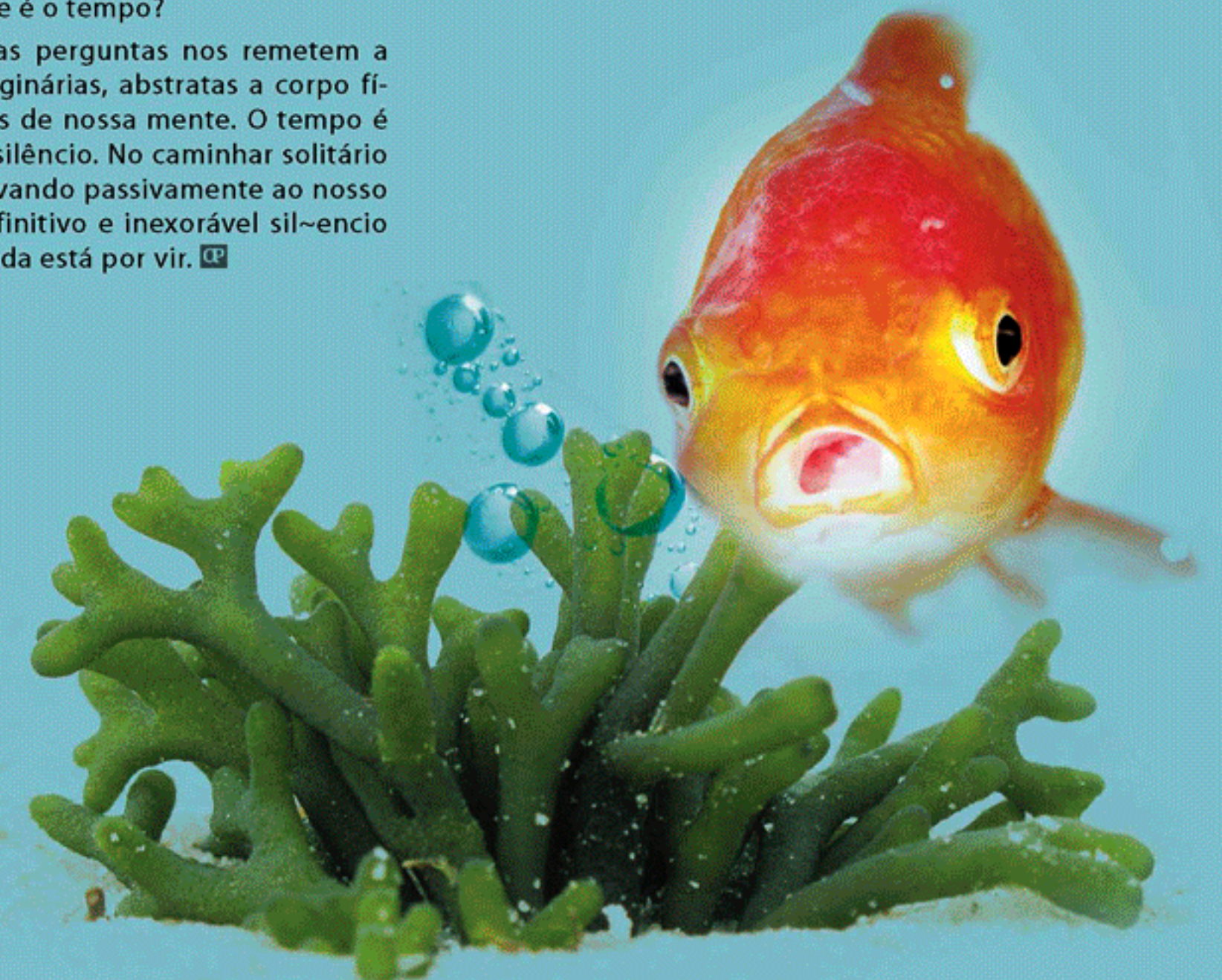
Respeitei o aquele silêncio até de modo exagerado. Fechava a boca de tal forma que minha cabeça sofria a forte pressão que o peso da boca fazia. Silenciar sempre foi difícil para mim.

Silêncio dá dimensão de vazio. Você já sentiu um vazio? É quando agente pensa que não somos nada de nada nesse mundo. Que apenas passamos por aqui. Vazio é quando não sentimos as mãos, são apenas mãos. Vazio é o silêncio. Quando estamos em silêncio estamos no vazio. Em um lugar impalpável.

Acho que aquela enfermeira loira da parede do hospital não sabia o quanto o dedinho indicador na boca, apontando para cima significa para as pessoas - e o que dizer da plaquinha [silêncio]?

Parece que o silêncio leva as pessoas a criarem uma bolha em volta de si. A tal bolha não pode se relacionar com nem uma outra bolha, senão...PUC!

Quando ainda estávamos na barriga da nossa mãe, estávamos na bolha. Lá era o silêncio. Essa situação acaba quando nascemos. Mas ele se acha tão poderoso que quer ter o direito de controlar o caos. Só chega ao êxito quando morremos. Voltamos ao vazio. Ao nada! Já diria Shakespeare, "O resto é silêncio".




A DÚVIDA QUEM CALA, DE FATO, CONSENTE?

Luciano Neves (Jornalismo - UNIVEL)

aliada do silêncio, desqualificava o homem enquanto homem.

Era preciso mais... A transformação foi lenta, quase silenciosa, mas aos poucos mostrou as suas faces. Gutenberg foi um dos pioneiros. Ele sim inventou a sua "engenhoca" que potencializou a capacidade humana de se qualificar enquanto homem. O que para os dias atuais não passa de uma raríssima peça de museu, foi um invento que agitou o processo de registro histórico, muito além das pinturas rupestres, muito além da pena ume-decida com tinta, unida ao movimento do conjunto do antebraço, mão e dedos, no leve deslizar sobre o papel.

Conhecimento organizado, impresso, prestes a romper a barreira do silêncio. Este mesmo silêncio que impede o contar de histórias. Há quem diga que o silêncio tem seu benefício, sua pureza... Como o garotinho, em sua pré-adolescência, sonhando com a sua primeira paixão. Em silêncio, ele imagina o primeiro beijo. Em silêncio, tenta sentir o aconchego de um abraço. Em silêncio, ele escolhe as primeiras palavras de amor e as registra no papel. Porém, haverá o momento que ele terá de romper a barreira do silêncio. Poderá falar baixo, poderá expressar-se publicamente para dizer; "eu te amo".

Admirar o silêncio é fantástico, por exemplo, quando se vê um bebê dormindo. O silêncio se funde com a imagem da criança. Ambos se complementam. Não demora, a criança sente fome e se manifesta. Adeus silêncio! A analogia com toda a trajetória humana parece fútil, porém, aceita. Depois de inúmeras tentativas do homem sair da penumbra e despertar, quebrar o silêncio, ele finalmente consegue. Qualquer um, se quiser, pode ser ouvido. Eis que surgem aqueles que se tornam arautos do povo. Eles sofrem. Vem o golpe militar de 64, vem o AI5, vem a censura. Cortam os tentáculos daqueles que potencializavam o direito à liberdade de expressão. Eles sofreram, e com a dificuldade de um Atlas com o mundo nas costas, quebraram a barreira do silêncio. Ainda há os que se calam. Mas o artigo V da Constituição Brasileira afirma: "direito à liberdade de expressão". Este é o compromisso dos arautos do povo, compromisso dos jornalistas. 

A máxima: "quem cala consente" até pode ser antiga. Isso não significa dizer, por exemplo, que o silêncio possa ocultar a verdade, possa ocultar o desejo de expressão. Há uma necessidade do aflorar idéias, tal qual o desabrochar de uma flor. Ou fazer fervilhar o pensamento, como o vulcão adormecido prestes a extravasar a sua força.

Em silêncio, durante dezenas de anos, os monges copistas impediam que o registro da verdade formasse público. Pouco adiantaria tornar o conhecimento acessível em uma época que a ignorância,

Patch work

"Evidentemente (a questão da origem da linguagem, não estamos aqui para fazer um dizer coletivo, nem organizado nem individual. É um dos assuntos que melhor podem motivar esses tipos de delírio) sobre a questão da origem da linguagem. A linguagem está aí, é um emergente. E agora que ela emergiu, nunca mais saberemos quando nem como ela começou, nem como era,

antes que ela existisse".

(JACQUES LACAN, EM O SIMBÓLICO, O IMAGINÁRIO E O REAL - CONFERÊNCIA DE 08 DE JULHO DE 1953, NA SOCIEDADE FRANCESA DE PSICANÁLISE)

"De modo que o problema consiste em reinventar não apenas para a escritura, mas também para o cinema, o rádio, a televisão, e até mesmo para o jornalismo, as funções criadoras ou produtoras liberadas dessa função-autor sempre renascente".

(GILLES DELEUZE E CLAIRE PARNET EM DIÁLOGOS - EDITORA ESCUTA, 1998)

"É preciso livrar-se do mau gosto de querer estar de acordo com muitos. 'Bem' não é mais bem, quando aparece na boca do vizinho. E como poderia haver um 'bem comum'? O termo se contradiz: o que pode ser comum sempre terá pouco valor. Em última instância, será como é e sempre foi: as grandes coisas ficam para os grandes, os abismos para os profundos, as branduras e os tremores para os sutis e, em resumo, as coisas raras para os raros"

(NIETZSCHE EM PARA ALÉM DO BEM E DO MAL - CIA DAS LETRAS, 1992)

"Escrever sobre o silêncio é decidir por silenciar. Silenciar a dúvida, a insegurança, a incerteza do autor diante de um questionamento emudecedor, que calçou vozes ainda ocultas e que estavam ávidas para se tornarem audíveis.

PROF. LETÍCIA ROSA (bilhete escrito pela coordenadora do curso de jornalismo da Unipar durante a aplicação do teste de seleção do Outra Pauta. A professora Letícia é mestre em pesquisa desenvolvida na área de análise do discurso)

"Com todos os órgãos atuando da mesma maneira, é evidente que a próxima etapa do jornalismo será dominada por quem conseguir definir um novo paradigma.

O modelo niilista está esgotado. A nova etapa exigirá um jornalismo mais sofisticado e plural, capaz de julgar situações, não personagens, de ser contra ou a favor de atos de governo - não contra ou a favor de governos -, de aceitar e compreender que interesses setoriais podem ser legítimos.

Mas quem se arrisca nessa travessia? Como levar essa sofisticação às manchetes de jornais, que exigem julgamentos simples e taxativos? Manter-se da maneira como se está não traz risco algum. Se os grandes jornais utilizam o mesmo enfoque nas manchetes, todos estão certos - mesmo que todos estejam errados. Se um deles produz um enfoque diferenciado, há riscos em qualquer hipótese. Se o enfoque estiver errado, o autor será crucificado. Se estiver certo, terá que explicar por que foi o único a andar na mão. Para se sair bem, necessita de muita segurança no que diz.

No fundo, a imprensa está atrás do seu novo reformador.

Quem descobrir a pedra filosofal ditará as regras nos próximos anos".

(LUÍS NASSIF EM O JORNALISMO DOS ANOS 90 - EDITORA FUTURA - 2003)

"Ser livre, portanto, é ser capaz de questionar a política, de questionar a maneira como o poder é exercido, contestando suas reivindicações de dominação. Esse questionamento implica nosso ethos, nossas maneiras de ser ou de nos tornarmos o que somos. A liberdade é, pois, uma questão de ética".


(JOHN RAUCHMAN EM EROS E VERDADE - JORGE ZAHAR, 1994)

COMENTÁRIO SOBRE A PROVA EM BUSCA DO BARULHO

Durante a semana passada percorremos os cursos de jornalismo em Cascavel para aplicar o teste de seleção para compormos a segunda equipe da oficina Outra Pauta de jornalismo narrativo. A provocação que instauramos como ponto de partida para a elaboração de um texto em forma de artigo opinativo foi retirada de um dos livros mais fascinantes da mais recente e atualizada bibliografia sobre comunicação no Brasil: "A Comunicação do Eu - Ética e Solidão", de Clóvis Barros Filho, Felipe Lopes e Bernardo Issler. O tema do texto sobre o qual pedimos um comentário opinativo consiste na circularidade que se estabelece em torno dos significados aos quais a palavra silêncio remete. O texto começa e termina com a mesma questão: "o que é o silêncio?"

Sob o signo do impossível, todos que se propuseram a definir o silêncio tangenciaram essa opacidade irreduzível cuja única palavra capaz de um sentido aproximado seria "desejo". Todo aquele que escreve é um prestidigitador. Senhor de truques e encantamentos latentes nos desvãos da linguagem, torna presente aquilo que aqui não pode estar e converte o tempo numa substância líquida que acondiciona em recipientes com cores e formas diversas.

O critério que adotamos para selecionarmos os textos que compõe essa 19ª edição foi a capacidade em estabelecer conexões entre uma proposição abstrata como a que foi apresentada e algum índice concreto do mundo vivido pelo próprio candidato a participar da oficina. Obviamente que outras questões de menor brilho mas tão imprescindíveis quanto a capacidade de articular conteúdos a uma dimensão concreta do cotidiano pesaram na seleção dos candidatos. Ortografia, uso correto da gramática, retórica, conhecimentos gerais - uma pletora de elementos imprescindíveis como ferramentas de trabalho para um jornalista. O problema em se estabelecer parâmetros para a formação de um grupo é a inevitável e simétrica exclusão que se provoca. Desta maneira contamos com a compreensão dos alunos que nos prestigiaram com sua inscrição para o teste e desde já empenhamos nosso compromisso com a formação de turmas para o próximo ano. Gostaríamos de atender a todos na exata medida e intensidade de seus interesses. Tarefa impossível e quixotesca como buscar uma definição conclusiva que explique o que é o silêncio de forma definitiva. A precariedade que nos torna humanos também nos assinala com a confiança em nossa capacidade de superação de nós mesmos. A força que até do silêncio consegue extrair

algo como uma fala. Todos somos capazes disto quando nos propomos a viver também ao abrigo das palavras que em silêncio nos habitam. Não se entenda o processo de seleção como um teste - uma avaliação fria e objetiva é o que se faz com cobaias. Restituir à palavra "prova" o sentido de experimentação, apreciação. Nesse sentido todos participaram um pouco já do que têm sido essa experiência fascinante em levar adiante uma oficina de jornalismo narrativo que se materializa nessas páginas coloridas que rompem o silêncio das manhãs de segunda-feira. Agora já é hora de começarmos a fazer algum barulho! 



* A QUESTÃO:

Comente em forma de artigo opinativo a seguinte passagem do livro "Comunicação do Eu - Ética e Solidão", de Clóvis Barros Filho, Felipe Lopes e Bernardo Issler:

"O que é o silêncio? Pergunta difícil de responder, talvez impossível. Qualquer resposta se afastaria daquilo que ele é propriamente. Qualquer discurso sobre o silêncio é discurso, não se faz

calar. Portanto, exclui o próprio silêncio. Assim, não há como responder essa pergunta, a não ser silenciando-se. Mas então não seria uma resposta. Seria uma abertura para o possível. Para in_nitas respostas. O silêncio como resposta para ele mesmo não é uma resposta. O ato de responder confunde-se com o de explicar. O de explicar com o de promover sentido. E o sentido só existe num discurso. Mas, então, voltamos a perguntar: o que é o silêncio?"